

68: História e Cinema,
de Enrique Serra Padrós e Cesar Augusto Barcellos Guazzelli
(orgs.)¹

Vicente Gil da Silva
Licenciado e Mestre em História pela UFRGS

No ano de 2007, quando o então candidato à presidência da França, Nicolas Sarkozy, declarou em um discurso que “a herança do maio de 68 deveria ser enterrada”, o cenário político era marcado pelo ataque ao legado daquele período histórico. Além de Sarkozy, outras tantas personalidades reconhecidas assumiram posicionamentos semelhantes, como David Hilliard e Elridge Cleaver, ex-integrantes do movimento negro radical norte-americano que surgiu na década de 1960 – os Panteras Negras. Aparentemente, tudo conspirava a favor de uma ofensiva de declarações negativas e de episódios de arrependimento público por parte de personagens que participaram daqueles eventos.

Mas esta tendência, que parecia estar se tornando dominante, começou a sofrer significativas contestações. Como dizia Marx, em *O 18 Brumário*, “a tradição de todas as gerações mortas continua a oprimir como um pesadelo o cérebro dos vivos”. E, assim, embora a herança de lutas de 1968

¹ PADRÓS, Enrique Serra, GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (orgs.). *68: História e Cinema*. Porto Alegre: EST, 2008.

represente para alguns apenas um fardo a ser rejeitado ou esquecido, outros tantos procuram acertar contas com o passado buscando entender e problematizar tal legado. Este certamente é o espírito que move os autores do livro *68: História e Cinema*, organizado por Enrique Serra Padrós e Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

A autoria da maioria dos textos presentes no livro é de professores, alunos e ex-alunos de graduação e pós-graduação do Departamento de História (e outros departamentos) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas há também contribuições de professores da rede pública municipal de ensino de Porto Alegre e do Colégio de Aplicação da UFRGS, críticos de cinema e professores de história formados por outras universidades porto-alegrenses. Trata-se de uma coletânea de textos fruto de um ciclo de cinema, história e educação, promovido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e pelo Museu Universitário da UFRGS, intitulado *1968: o ano que jamais terminará*. Nele foram projetados quinze filmes e, ao término de cada sessão, dois debatedores estimularam discussões com o público, relacionando a abordagem das películas ao tema central do seminário. Cada um destes filmes foi, então, objeto de um texto elaborado para compor o livro supracitado.

No primeiro artigo, que se refere ao filme *Os sonhadores*, de Bernardo Bertolucci, intitulado *Sonhos de 68: sexo, cinema e... revolução?*, os autores (Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, Charles Sidarta Machado Domingos, José Orestes Beck, Rafael Hansen Quinsani e Sandro Gonzaga) examinam a visão que Bertolucci estaria passando às gerações atuais que não viveram os acontecimentos de 1968. O segundo texto (intitulado *Corações e mentes norte-americanos e vietnamitas*) aborda o impactante documentário *Corações e Mentes*, de Peter Davis, no qual o autor (Guilherme Felkl

Senger) traça um panorama histórico do envolvimento estadunidense na Guerra do Vietnã e aborda o caráter de denúncia, impresso no documentário, das atrocidades cometidas pelas tropas *yankees* no conflito. O terceiro artigo (*Cinema e guerra do Vietnã: uma visão geral*), de autoria de Nilo André Piana de Castro, desenha um quadro geral sobre como o cinema, destacadamente o hollywoodiano, costuma abordar o tema da Guerra do Vietnã, citando e problematizando uma série de filmes.

O quarto texto, escrito por Sandro Gonzaga e intitulado *Os condenados da terra da liberdade: o movimento negro no 68 estadunidense*, examina a evolução dos movimentos pelos direitos civis dos negros norte-americanos, cujas lutas, especialmente a partir dos anos 40, começam a despertar interesse e alcançar importantes conquistas, inspirando com sua trajetória a constituição do Partido das Panteras Negras e dos movimentos liderados por Martin Luther King Jr. e Malcom X. Em *Ver e relatar: buscar alguma compreensão histórica de Easy Rider*, Maria Luiza Martini analisa o filme *Easy Rider*, de Dennis Hopper, buscando identificar as representações históricas dos personagens e das situações vividas por eles no filme. Já Cesar Augusto Barcellos Guazzelli e Artur Lima de Ávila, em *A fronteira ao revés: um cowboy perdido na maçã apodrecida*, fazem uma interessante abordagem sobre o filme *Perdidos na noite*, de John Schlesinger, relacionando o mito de fundação da nação estadunidense relativo à expansão das fronteiras para o Oeste americano com a inversão deste movimento, que é realizada pelo diretor do filme ao contar a história de um vaqueiro que sai do Texas em direção a Nova Iorque.

O livro organizado por Padrós e Guazzelli apresenta três textos dedicados a analisar temáticas ligadas aos movimentos contestatórios no Brasil e na América Latina, durante as décadas de 1960,

1970 e 1980, e o modo como eles foram retratados pelo cinema. Clarissa Brasil e Claudia Wasserman, em *Vai trabalhar vagabundo, a homenagem ao malandro*, situam a produção do filme de Hugo Carvana (*Vai trabalhar vagabundo*) no contexto de lutas nacionalistas e antiimperialistas que marcou a América Latina durante este período e também o relacionam com a cultura brasileira da malandragem. Caroline Silveira Bauer, em *Possibilidades de interpretação dos anos 1970 e 1980 através do filme Pra Frente Brasil* avalia as formas através das quais o filme de Roberto Farias representou os “anos de chumbo”, tendo presente uma preocupação em rastrear os processos implícitos e explícitos de construção de uma memória sobre a repressão da ditadura civil-militar brasileira. Analisando o mesmo filme de Roberto Farias, Adolar Koch, em *Pra Frente, Brasil: contextos*, preocupa-se em realizar uma apreciação geral sobre vários temas culturais, econômicos e políticos ligados à ditadura civil-militar brasileira e sobre as formas como esta foi representada no referido filme.

Voltando para o cenário europeu e estadunidense, Tais Campelo, em *Birdie num num – alteridade e crítica social em The Party*, avalia o filme *Um convidado bem trapalhão*, de Blake Edwards, a partir da noção de “elaboração de experiências de alteridade” e das críticas presentes nesta película em relação à sociedade americana e ao cinema hollywoodiano. Carla Brandalise, em *Um convidado bem trapalhão: implosão do american way of life*, realiza uma apreciação crítica do movimento estudantil estadunidense, centrando sua análise na organização *Students for a Democratic Society* (SDS). Em *A confissão (L’aveu)*, Alexandre Rocha de Andrades relaciona os acontecimentos ligados à chamada “primavera de Praga” ao filme *A confissão*, dirigido por Costa-Gavras.

Luiz Dario Teixeira Ribeiro, em uma transcrição da palestra que proferiu no ciclo de cinema após a projeção do filme *A confissão*, aborda o contexto sócio-político da Tchecoslováquia na década de 1960 e a forte influência do stalinismo no movimento comunista europeu. Rafael Hansen Quinsani e José Rivair Macedo, em *O cinema político italiano e os transgressores anos 60: uma relação histórica, política e necessária*, fazem uma análise sobre a estética e as ideologias presentes nas produções críticas do cinema italiano entre o final dos anos 1940 e a década de 1970, dedicando especial atenção à produção italiana *Investigação sobre um cidadão acima de qualquer suspeita*, dirigido por Elio Petri.

Letícia Schneider Ferreira, em *As mulheres e a década de 60: para além da minissaia*, relata a história da constituição do feminismo e dos movimentos feministas, a começar no século XVIII, com a Revolução Francesa, passando pela década de 1960 até a atualidade, avaliando as conseqüências destas lutas para a superação da desigualdade entre gêneros. Em *Belle de jour e a influência do Surrealismo nos anos 1960*, José Orestes Beck relaciona a produção de Luis Buñuel, *A bela da tarde*, ao surrealismo da década de 1960. Já Lucas Maximiliano Monteiro, no seu *O planeta dos macacos: ficção científica, energia atômica e humanidade em 1968*, identifica as relações existentes entre a produção de Franklin Schaffner (*O planeta dos macacos*) ao gênero de filmes ligados à ficção científica e aos eventos que dizem respeito aos movimentos de 1968. Analisando o filme *Barbarella*, de Roger Vadim, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli e Charles Sidarta Machado Domingos, em *A primeira vez é inesquecível: Barbarella e os sonhos de uma geração*, demonstram como certas temáticas – especialmente a sexualidade, o psicodelismo e os postulados da Guerra Fria – podem ser identificados

na abordagem presente no filme de Vadim e em outras manifestações culturais anteriores e posteriores a 1968.

O penúltimo texto discute também uma produção do gênero da ficção científica. Trata-se de *O contexto de 1968 no filme A noite dos mortos vivos*, escrito por Paulo Roberto Rodrigues Guadagnin e César Augusto Oliveira de Almeida. Os autores fazem uma discussão sobre a instituição social do zumbi na história e os filmes de zumbi, relacionando-os ao contexto de 1968. Por fim, Gabriela Rodrigues e Enrique Serra Padrós, em *Edukators – seus dias de fartura estão contados: reflexões sobre o 68 alemão, suas persistências e contradições*, fazem uma discussão crítica sobre as especificidades históricas que influenciaram as reivindicações dos movimentos do 68 alemão ao analisarem a produção de Hans Weingartner, *Edukators – os edukadores*.

A publicação organizada por Padrós e Guazzelli destaca-se pelo caráter didático de seus textos. A linguagem clara e a nitidez dos objetivos estabelecidos pelos autores auxiliam na compreensão das abordagens realizadas pelo cinema de temas nem sempre visíveis num primeiro. Este procedimento permite que os trabalhos presentes no livro tornem-se acessíveis para um público mais amplo do que o acadêmico. Além disso, são apresentados temas que, infelizmente, pouco têm sido tratados pela historiografia brasileira, como a constituição de movimentos políticos radicalizados na Europa e nos Estados Unidos, como o Partido das Panteras Negras e a Banda Baader-Meinhof alemã.

Outro destaque da publicação é a sua preocupação em identificar a produção cinematográfica como um instrumento pedagógico auxiliar para o entendimento dos processos históricos. Todos os

autores parecem partilhar do pressuposto de que a história complexa dos movimentos de 1968 pode ser proveitosamente explorada a partir das produções cinematográficas: de *Corações e Mentes* a *Barbarella*, de *Sem Destino* a *Pra Frente Brasil*, o cinema constitui uma via de acesso a visões sobre o período, e torna-se instrumento importante para o conhecimento destas visões por gerações futuras.

Por fim, os autores dos textos supracitados parecem também partilhar outro pressuposto: a herança das lutas de 1968 deve ser entendida e problematizada, não simplesmente relegada ao passado. Ao contrário do que propõem algumas personalidades do mundo acadêmico e político, aquela época não pode ser vista como um conjunto de revoltas juvenis contra um inimigo difuso. Evidentemente, a ampla gama de orientações políticas e ideológicas defendida pelos diferentes atores históricos, cada qual com suas próprias especificidades nacionais, era um obstáculo à articulação de uma plataforma política unificada. Contudo, isso não deve ser visto exclusivamente como um problema a desqualificar a ação dos movimentos de 1968. Afinal, o capitalismo é um todo orgânico e suas contradições fundamentais manifestam-se de múltiplas formas, fazendo com que, para seu melhor enfrentamento, seja necessário partir de plataformas políticas que sejam baseadas no pluralismo e ataquem o sistema em diversas direções, utilizando diferentes estratégias.

Mas se tivessem sido mesmo limitadas ou com objetivos políticos pouco definidos, a ponto de não representarem perigo para o sistema, como explicar então a intensa repressão estatal dirigida aos diferentes movimentos contestatórios do período? Como entender, para citar apenas um exemplo, as estratégias utilizadas pelos aparatos repressivos estatais com o objetivo de destruir o Partido das Panteras Negras, como demonstrado no texto de Sandro Gonzaga? E que dizer da edição dos

COINTELPRO pelo FBI estadunidense, exemplificado por Carla Brandalise? A própria resposta brutal do *status quo* aos movimentos de 1968 é prova de que estes representaram uma séria ameaça a alguns dos parâmetros reprodutivos do capitalismo.

Os autores de *68: História e Cinema* estão cientes disso. O próprio esforço de organização de uma publicação como essa comprova que ainda é preciso refletir criticamente sobre os limites e as possibilidades daquela conjuntura. E é também uma resposta àqueles que acreditam que os imperativos do atual sistema sócio-econômico são eternos e tratam-se de mediação necessária para a vida humana. Os autores desta obra teimosamente acreditam que os ideais de 1968 merecem ser lembrados.